



O Esposendense

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

FUNDADOR: José da Silva Vieira
 PROPRIETÁRIO: António M. Santos da Cunha
 ADMINISTRADOR: António J. Lima Júnior

DIRECTOR: Padre José Pires Afonso
 EDITOR: José Augusto Borges de Azevedo
 Composto e Impresso: TIP. CASA DOS RAPAZES—VIANA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 RUA 1.ª DE DEZEMBRO
 ESPOSENDE

EM DIA DE REIS MENSAGEM DE ANO NOVO A LIÇÃO DOS MAGOS DO VENERANDO CHEFE DE ESTADO À NAÇÃO PORTUGUESA

Com a solenidade do dia de hoje — Dia de Reis — encerramos as grandes festas do Natal, tão queridas ao nosso coração de cristãos e às nossas tradições familiares. São bem as festas da Família, em que todos os seus membros se procuram reunir no aconchego do lar, ao calor suave da tradicional lareira minhota, que as inclemências do Inverno desabrido tornam ainda mais apetecida.

Até os ausentes que não voltam, os ausentes no Além, são lembrados com mais funda saudade, parecendo nesta data tê-los mais junto de nós, talvez porque o Amor e a Saudade aumentam e estreitam a união... Como é curiosa e expressiva a tradição do «Cepo» ou «Canhoto» que se põe a arder na noite de Natal, para aquecer as Almas dos que foram da Casa.

Lemos, há dias, com acentuado prazer espiritual, o «Natal Minhoto», primorosa descrição do nosso ilustre conterrâneo e típico escritor, Manuel de Boaventura.

Não resistimos à tentação de transcrever as passagens referentes ao «Canhoto»: «Anda, lá por fora, o de zembrino friul, a peneirar a farinha da neve, que atapeta os campos, semeia alvura nos caminhos, e põe, de penduro, nos galhos despídos das árvores transidas, artísticos pingentes de cristal. Que importa?

Alí, no típico aconchego da lareira, não se arreceia o frio: — um grande lume, o lume sagrado, que aquecerá, toda a noite, as Almas Santas, que foram da casa — arde no telho: é a tradição do «canhoto» — volumoso raizeiro, ou apodrido alcorno-

que — tradição que vem de muito longe, do princípio do mundo cristão.

Muitos séculos passaram, mas a recordação da fogueira, que os pegureiros de Belém acenderam, para desfriar a Santa Virgem e o Divino Menino, está como na hora!

(Continua na página 6)

Conforme afirmei no dia 1 de Janeiro de 1959, impõe a tradição que no limiar de cada ano, o chefe do Estado dirija uma mensagem à Nação, pondo as suas esperanças no ano que desponta, e formule votos pelo bem estar de todos os portugueses. O cumprimento dessa obrigação, voluntariamente assumida, venceu as razões que este ano me aconselhavam o silêncio e por isso vos falo, sem naturalmente esconder que o faço com a alma amargurada e revoltada pela agressão de que Portugal foi vítima na Índia.

Não decorreu benéficamente para nós o ano de 1961, pois acontecimentos desagradáveis que nos afectaram, sobrelevaram em muito,

os que deixaram de si boa recordação. Destes, referirei apenas os principais, ou sejam as inaugurações da central de Miranda do Douro e da Siderurgia Nacional; a entrada ao serviço do «Príncipe Perfeito» e do «Infante D. Henrique»; e a viagem oficial do chefe do Estado a Madrid. A inauguração da Siderurgia Nacional representou um passo firme no sentido do desenvolvimento industrial do país, e a viagem a Madrid mostrou bem como as duas nações vizinhas podem viver na mais santa paz, estimando-se e respeitando-se, como poucas haverá ainda. Nos acontecimentos trágicos que afectaram profundamente a vida e a sensibilidade da nação, avultaram os chamados casos de Angola e da Índia, que tanto sangue português custaram já. E em qualquer deles fomos apenas vítimas, e somos portanto, acusadores e não réus. A esses casos me vou referir, seguidamente.

A campanha movida, primeiramente na sombra, contra o bastião português no Ultramar, tomou vulto nos últimos meses do ano de 1960, quando ainda soavam os ecos das comemorações henriqu-

nas, em que estiveram representados muitos dos países que contra nós depois votaram nas Nações Unidas. O motivo da campanha — o pretenso colonialismo português — era apenas um pretexto para nos substituírem em África. E quando provocaram de fora para dentro, os actos de terrorismo no norte de Angola, logo se ousou afirmar que Portugal constituía um perigo para a paz mundial. Portugal, que nunca perturbou a paz do Mundo durante tantos séculos, era acu-

(Continua na página 6)

Arquitecto Alfredo Viana de Lima

A este nosso ilustre amigo e conterrâneo foi atribuído o 1.º prémio de arquitectura da Fundação Gulbenkian.

Esta honrosa distinção é de realçar, tanto mais que foi esse o único primeiro prémio que a referida Fundação atribuiu e também por se tratar dum filho deste concelho, onde tem deixado bem vincado o seu trabalho pois também é o arquitecto urbanístico concelhio.

Felicitemos vivamente o ilustre Arquitecto não só pela distinção que obteve, mas também por ver confirmado um valor que honra e prestigia a sua terra natal através de trabalhos dignos da maior admiração.

O País e o Mundo ouviram

a lição de Salazar

APÓS alguns dias de grande expectativa, o Chefe do Governo dirigiu-se mais uma vez ao País, na passada 4.a-feira. Através da Rádio e da Televisão todos nós, portugueses, de perto ou de longe, ouvimos mais essa lição — consequência de mais um ataque que atingiu a nossa soberania. Directamente através das estações emisoras, ou pela imprensa diária, o texto da lição foi ouvido e lido, não uma vez, mas muitas vezes, tal a sua importância e projecção na vida nacional e internacional.

O País ficou a saber tudo

«O Esposendense» e a Imprensa

O nosso colega «Estrela da Manhã», que se publica em Famalicão, referiu-se ao reaparecimento do nosso jornal. Agradecemos as amáveis referências e os votos formulados.

quanto se passou até à invasão dessa Província Portuguesa. Não interessa pois focar este ou aquele pormenor, já que o Chefe do Governo Português, em palavras seguras, em termos claros e enérgicos, tudo pôs a claro, e de tal modo, que podemos afirmar que nunca a Inglaterra, os Estados Unidos e as Nações Unidas sofreram uma tão perfeita «autópsia». A verdade nua e crua surgiu, sem apelo nem agravo, e de tal modo que à acção do Governo Português aqueles países «amigos» corresponderam de forma clara, mas precisamente ao contrário dos tratados, das alianças, das garantias dadas, não querendo para eles o que queriam para nós.

E dizemos dos tais amigos, porque das Nações Unidas com nada mais se podia contar. Interessa porém focar e até meditar noutro acontecimento: Salazar não pôde falar, não pôde ler a lição. Salazar estava cansado, abatido, mais do que isso, cho-

(Continua na página 6)

Nota da Redacção

Por motivos imperiosos não foi possível publicar o nosso número de sábado passado, do que pedimos desculpa aos nossos prezados leitores e assinantes.

Por esse motivo o nosso jornal de hoje sai excepcionalmente com 6 páginas.

Plano de Actividade Turística

As considerações produzidas em relação ao plano geral de actividade da Câmara têm toda a aplicação neste, que lhe diz respeito ao Turismo e se pode considerar como fazendo parte integrante daquele, dado que quase tudo o que há de interesse neste concelho tem valor turístico e grande. Isto para salientar que, mau grado os nossos esforços, algumas das iniciativas previstas no anterior plano, não puderam ser efectivas, pelas mesmas razões já aduzidas no plano geral. De todas as realizações previstas no ano passado, uma há que se impõe concretizar com toda a urgência — o estabelecimento de um parque de campismo. Bem vistas as coisas, a sua localização terá de ser em Esposende, não só por se tratar da sede do concelho que possui as condições exigidas (água, luz, telefone, etc.), como pela proximidade da grande via europeia que é a E. N. 13, condição base para o êxito económico de tal realização. É evidente que o parque de campismo na Barca do Lago tem grande interesse e, logo que as circunstâncias o permitam, deverá ser considerado. Mas uma vez que se não

(Continua na página 5)

O Esposendense

Deseja a todos os assinantes, anunciantes, colaboradores e amigos, votos de um Ano Novo repleto de Felicidades.

A todos os Esposendenses e a todos os Portugueses, um Ano Novo de Progresso e Paz!

PELA VILA

Vida Desportiva

Campeonato Regional da 1.ª Divisão da A. F. de Braga

Em 24 e 31 de Dezembro passado realizaram-se mais duas jornadas deste campeonato, faltando outras tantas para o seu fim. Apesar de praticamente estarem apurados os 3 primeiros — Famalicão, Gil Vicente e Monção, a classificação do último ainda não está definida. Eis os resultados da 15.ª jornada, realizada em 24 do mês passado, que ficou incompleta devido ao mau tempo:

- Fluvial 2 — Famalicão 7
 - Leões 1 — Fafe 0 (*)
 - Taipas 0 — Esposende 3
 - Monção 6 — Arcos 0 (**)
 - Gil Vicente 2 — Limianos 1
- (*) Só durou 45 minutos
(**) Repetido em 26/12

Desta jornada há a realçar a boa proeza do Esposende, que nas Taipas realizou boa exibição, obtendo uma vitória clara e preciosa, para a sua classificação. Quando o ataque marca, a defesa segura e o adversário desmoraliza! Outro resultado digno de menção é o de Barcelos, onde o Gil Vicente se «viu e desejou» para vencer um Limianos, que pelo menos merecia o empate. Tarde fosca para os barcelenses. Os outros resultados normais.

A 16.ª jornada, realizada no Domingo passado, último de 1961, deu alguns resultados imprevistos, com nada menos que três empates e um resultado «sensação» obtido pelo Fluvial Vianense, que veio alcançar a sua terceira vitória no torneio, a Esposende!

Eis os resultados:

- Gil Vicente 0 — Famalicão 0
- Arcos 2 — Taipas 2
- Leões 3 — Monção 0
- Esposende 0 — Fluvial 1
- Limianos 3 — Fafe 3

O jogo do dia foi realizado em Barcelos que terminou com um empate a zero bolas, que traduz com fidelidade o desenrolar e a responsabilidade da partida. O Famalicão deve ter assegurado o título neste jogo.

Nos outros jogos avulta a derrota do Esposende em casa, frente ao animoso Fluvial, que vem lutando para a fuga ao último lugar e conseqüente descida de divisão. O Esposende realizou péssima exibição, demonstrando pouca garra ou... excesso de confiança. O Fluvial, reduzido ainda a 10 elementos, venceu e justamente pelo apêgo posto na luta.

A fuga aos últimos lugares dá sempre novas energias, sobretudo quando uma esperança resta ainda.

A penúltima jornada, a realizar amanhã, engloba os seguintes jogos:

- Arcos — Fafe (0-3)
- Gil Vicente — Leões (2-0)
- Taipas — Monção (1-3)
- Fluvial — Limianos (1-4)
- Famalicão — Esposende (2-0)

Todos os jogos são de resultados incertos, pois os primeiros não podem descuidar-se nem os últimos gostarão de ser surpreendidos em sua casa, caso dos Arcos e Fluvial. Qualquer deles a perder, compromete a sua classificação. Quase se pode dizer que o que perder amanhã, desce de divisão, pois a diferença de dois pontos entre um e outro o justifica, e o confirma os jogos que ambos realizarão na última jornada nos seus campos, o Arcos recebendo o Famalicão e o Fluvial o Gil Vicente.

O Gil Vicente, o Taipas e o Famalicão, jogando em casa, não são antecipadamente vencedores, pois os adversários que lhes tocam têm valor e são capazes de surpresas.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL:

	J	V	E	D	F	C	P
Famalicão	16	14	1	1	65	11	45
G. Vicente	16	12	2	2	50	11	42
Monção	16	12	1	3	40	18	41
Fafe	15	7	4	4	46	16	33
Leões	15	7	1	7	23	21	30
Esposende	16	6	1	9	18	27	29
Limianos	16	3	4	9	17	29	26
Taipas	16	3	4	9	25	47	26
Fluvial	16	3	1	12	21	86	23
Arcos	16	1	3	12	17	56	21

Amigo leitor, não esqueça...

De renovar as suas licenças de caça, uso e porte de arma, isqueiro.

— O pagamento, no todo ou em parte, das contribuições predial e industrial.

Não, deixe para amanhã o que pode fazer hoje...

TEDDY-BOYS EM ESPOSENDE

Na meia noite de 24 para 25 do corrente e por volta de 1 hora, uma alcatéia de malandrins armados em teddy-boys cometeram a proeza de deslocar e colocar no cruzamento em frente à confeitaria Primorosa um automóvel que se encontrava estacionado na rua de Narciso Ferreira, próximo do estabelecimento do Sr. João Sá.

Os malandrins, ao avistarem duas pessoas que os surpreenderam na prática dos seus maléficis instintos, deram a fugir mas não sem que alguns deles fossem reconhecidos.

O caso foi comunicado à Guarda Nacional Republicana e estamos certos de que aos autores da proeza será aplicado o castigo que merecem.

Consta que já não é este o primeiro caso registado entre nós e não está certo que quem nos visita esteja sujeito a brincadeiras de tão mau gosto. É preciso evitar que a moda pegue e o mal alastre em desprestígio da nossa terra.

Com vista às Ex.ªs Autoridades.

ANIVERSÁRIOS

FIZERAM ANOS

Dia 28 de Dezembro o sr. Samuel António Vieira dos Santos.

Dia 29 — a sr.ª D. Josefina Beatriz Gonçalves Ferreira da Silva e o menino Luis Filipe Ribeiro Gomes.

Dia 30 — a menina Antonieta Maria Nunes Gonçalves.

Dia 5 de Janeiro a sr.ª D. Teresa Ferreira Areia Sousa e Silva, no Porto.

FAZEM ANOS

Hoje — a sr.ª D. Severiana da Silva Vasquinho Roriz Pereira.

Dia 11 — Sr. Agostinho Eiras do Vale, da Barca do Lago.

Partidas e Chegadas

Estiveram neste concelho a passar a quadra festiva do Natal muitas famílias e de entre as quais pudemos anotar:

D. Maria Cândida Sotto Mayor Correia de Oliveira, no seu solar de Belinho; Dr. António Losa Júnior, professor da Escola Técnica de Braga; Dr. Manuel Barros, professor catedrático da Universidade do Porto; Eng.º João Maria de Oliveira Martins, secretário do Ministério das Comunicações; Dr. Joaquim de Carvalho, Juiz da Comarca de Valença; Boanerges Cunha, nosso prezado colaborador de Matosinhos; Tito Evangelista, do Porto; António Sousa Ribeiro, de Lisboa; Manuel Sousa Ribeiro, de Grândola; Joaquim Vassalo, de Monção; Orlando Martins Capitão, secretário da Câmara Municipal de Fafe; Fernando Rêgo, funcionário judicial

O Branco no Preto...

INTERESSES DO CONCELHO

Para tratar de assuntos de interesse ao concelho deslocou-se a Lisboa, avistando-se com o Senhor Ministro do Interior, uma Comissão composta pelos Srs. Dr. Artur Jorge Barrote, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, vereadores da Câmara Municipal, professor Carlos Martins, Manuel Pinheiro Borda, João Gonçalves Ferreira da Silva e Cândido Vinha, presidente do Grémio do Comércio, Francisco Areias, P.º José Pires Afonso, representando o clero concelhio e o Rev.º Arcipreste P.º Adelino Maria Lopes Pedrosa e pelas Juntas de Freguesia, Porfírio Azevedo, João Gomes dos Santos, Aurélio Azevedo e José dos Santos Portela. A esta Comissão, juntou-se no gabinete do Senhor Ministro do Interior o nosso prestigioso e devotado Presidente da Câmara, Sr. António José da Costa Leme.

Esta Comissão que foi muito bem recebida pelo Senhor Mi-

nistro do Interior, expôs os motivos imperiosos da sua deslocação a Lisboa, tendo em resposta, o Senhor Ministro do Interior prometido tratar os assuntos expostos com o seu melhor interesse e afirmado o quanto o sensibilizam aquela demonstração de homenagem e lealdade ao incansável e digno Presidente do Município de Esposende.

...

Delegação Marítima de Esposende

Informados sobre o boato, posto a circular duma possível extinção da Delegação Marítima de Esposende, temos o prazer de informar que nada há sobre o assunto, mantendo-se a sua normal situação e funcionamento. De resto, aquela Delegação tem desempenhado bem o fim a que se destina, e conta com a colaboração de todas as entidades oficiais do concelho, que de modo algum lhe eriam embaraços.

...

Águas de Fão e Apúlia

Activam-se as diligências dos Serviços Municipalizados para que se encontre a desejada solução do problema das águas de Fão e Apúlia. Por informações recebidas da Direcção Geral dos Serviços de Electricidade, Ministério das Obras Públicas, foi dado conhecimento aos Serviços Municipalizados de que a firma Alfredo Alves, de Lisboa, a que fora adjudicada, por aquela Direcção Geral de Electricidade, a instalação e montagem da Estação de Tratamento, foi notificada para corrigir todas as deficiências, de maneira que possam as localidades servidas por aquele abastecimento ter água igual à fornecida por outros abastecimentos.

Visado pela Comissão de Censura

Farmácias de Serviço

Serviço permanente DOMINGO

Farmácia Monteiro

SERVIÇO NOCTURNO

HOJE, 2.ª, 4.ª e 6.ª-FEIRA

Farmácia Gomes

3.ª e 5.ª-FEIRA

Farmácia Monteiro

no Porto; Alfredo da Rocha Sá Pereira, de Braga; José Gonçalo Areia, aluno do Curso de Matemáticas da Universidade de Coimbra; Maria do Sameiro Oliveira Martins, aluna da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; Manuel Coelho, de Braga; Dr. António Jorge de Barros Lima; Dr. António Carvalhal, etc.

CASA LOSA

M. Loureiro Losa

Mercearia // Louças // Material Eléctrico

ARMAZENISTA DE MERCEARIA

RUA BARÃO DE ESPOSENDE

◆ ● ◆

RÁDIO E TELEVISÃO

GRUNDIG

Largo Dr. Fonseca Lima ◆ Telef. 89226 ◆ ESPOSENDE

CURVOS

Natal de Cristo — Devido à Nação estar a atravessar uma das fases tristes da sua história, não se realizaram com solenidade as celebrações do Natal de Cristo.

Apenas alguns foguetes troaram nos ares à meia-noite do dia vinte e quatro.

Em benefício dos pobres — Já se se encontra quase concluída a primeira casa do bloco de moradias a construir e destinadas às famílias pobres desta localidade, cuja simpática e tão útil iniciativa partiu do Rev.º Pároco de Curvos, P.e Manuel J. Martins Neiva Soares.

Tal obra já iniciada tem a colaboração de todas as pessoas de boa vontade locais e um subsídio da Casa do Gaiato, não faltando dádivas do material que faz parte da construção, como sejam madeiras, etc., oferecidas por grandes e pequenos proprietários.

O primeiro a ser beneficiado é o sr. Artur Serra e toda a sua família.

Bem haja quem a favor dos deserdados se devotou a tão espinhoso empreendimento.

As Janeiras — Mercê de desentendimentos não se realizou no dia do Ano Novo o peditório das Janeiras ao qual a freguesia nunca negou, nos anos transactos, as suas oferendas, fosse qual fosse, o destino a dar-lhes. Mas quase sempre os produtos da terra depois de convertidos em metal sonante, através do leilão das prendas oferecidas ao Deus Menino, iam sempre valer a esta ou aquela necessidade, valimento feito sem grande custo, que quando todos concorrem, mesmo que seja com o mínimo para esta ou aquela finalidade nunca se torna impossível qualquer realização. E Curvos, aliás como todas as terras, têm os seus problemas, alguns de primeira grandeza, que exigem a cooperação de todos, que um dia, uma vez solucionados, não de fruir dos seus benefícios.

Por mesmo ruído que fosse o peditório das Janeiras, haveria sempre ao fim e ao cabo umas boas centenas de escudos para auxílio de reparações que urge não esquecer.

Primeiro a acima de tudo, depara-se-nos o avêlhentado aspecto interior da igreja paroquial desde o tecto ao pavimento — a linda igreja de estilo barroco que um dia certo prelado da arquidiocese admirou na sua formosura interior, embora não seja brilhante no oiro dos seus altares, nem tenha, à falta do mais, a magnificência dos templos, em que se denota que os fiéis ou alguns entre eles, caprichou por dar à Casa de Deus, o que indiscutivelmente a mesma mereça.

Causa pena e é mesmo até de lamentar que no primeiro dia de Janeiro de 1962 a malta da rapaziada não percorreu os caminhos e atalhos da sua freguesia de saco ao ombro, gargantas afinadas a recolher a espórtula, este ano, certamente abundante, que toda a terra foi generosa ao dar a quem a revolve mais um tanto com aumento da merecida compensação!

PALMEIRA

Festas do Natal — Foram muitas as pessoas desta freguesia, dela ausentes por motivo de trabalho, que vieram passar, entre nós e na companhia de suas famílias, as sempre belas festas do Natal. Foi, particularmente, numerosa a caravana vinda de Aveiro, onde muitos operários desta freguesia se empregam em trabalhos de construção civil.

Agora, passadas as festas, debandam, novamente, cada um para o seu destino. Desejamos a todos as maiores prosperidades e que saibam honrar a sua terra natal.

Presépio — Na forma dos anos passados, armou-se, na igreja o presépio paroquial, com a grandeza e a arte que vão sendo tradicionais entre nós. Está de parabéns o nosso amigo, Sr. António Armindo Dias, que foi o seu autor. Que no próximo ano repita a proeza são os nossos votos.

Cortejo — No próximo domingo, dia sete, vai realizar-se um grande cortejo de oferendas, em benefício da festa de S. António, que, nesta freguesia, se realizará, no próximo verão. Reina grande entusiasmo por esta iniciativa em boa hora lançada pela dinâmica Comissão.

PELO CONCELHO

Oxalá que o resultado prático corresponda ao que se espera e se precisa.

Baptizados — No dia 25 de Dezembro, foi baptizada uma criança, com o nome de António Filipe, filha de Manuel Gomes da Costa e de Maria da Costa Gomes, do lugar de Eira d'Ana. Foram padrinhos António de Lima Lomba e Eugénia Gomes da Costa, ambos desta freguesia.

— No dia 31, foi também baptizado um filho de José Joaquim da Venda Lima e Rosa de Lima Lomba, a quem foi posto o nome de António Fernando. Foram padrinhos António José Fernandes Neto e Maria Amélia Martins, de Eira d'Ana.

— No dia 17, fôra também baptizada, com o nome de António, uma criança, filha do Sr. Artur de Matos Loureiro e de sua esposa, Maria da Silva Coxo, sendo padrinhos António Gonçalves Coxo e Rosa da Silva Coxo.

Este inocente faleceu, poucas horas depois, sendo sepultado no dia 19.

MAR

Plano de actividades da Câmara para 1962 — Lemos com atenção este plano e verificamos que a nossa terra vai passar mais um ano sem ver solucionado o seu problema magno: água. Brevemente focaremos esse, delicado assunto, com uma possível solução.

Bodas de Oiro Sacerdotais — No fim do ano de 1961, o Rev.º Pároco desta freguesia, P.e Aveilino dos Santos Ribeiro, comemorou o 50.º aniversário da sua ordenação sacerdotal. Por esse motivo realizaram-se diversas solenidades religiosas, a que se associaram todos os habitantes da freguesia, e que constaram de missa solene, de manhã; e à tarde, adoração, com sermão pelo Rev.º Padre Frankim Neiva Soares, filho desta terra, terminando as cerimónias com solene Te Deum, oração de graças. No final realizou-se comovente beija mão, ao incansável Pastor desta freguesia, que ao seu rebanho tem dedicado o maior carinho, em apostolado vivo da Doutrina Cristã. Bem haja o Rev.º Pároco, a quem desejamos muitos e felizes anos de vida e Apostolado para bem de Deus e da freguesia que sábiamente orienta.

Férias de Natal — Depois de passarem as festas do Natal junto de suas famílias, começaram já regressar dos respectivos estabelecimentos de ensino os estudantes que aqui passaram uns dias de merecido descanso.

MARINHAS

Embora que, um pouco tarde, apresentamos à Ex.ª Direcção e aos nossos leitores saudações pela data comemorativa que passa.

Festas natalícias — Vieram gozadas à sua terra natal, os académicos desta freguesia que se acham distribuídos por diversas Casas de ensino. Também o fizeram os nossos operários espalhados pelas diversas regiões do Continente e mesmo de outras Nações. A todos saudamos com o maior carinho.

Festas religiosas — Vão fazer-se, mas sem brilho algum exterior, as do Menino Jesus e Sagrada Família que constarão de Missa festiva e sermão confiado ao Rev.º P.e Joaquim Gomes da C. E. S., afilhado L. I. A. M. desta freguesia que, estando a descansar das suas lides apostólicas em Angola, aproveita esta ocasião para testemunhar a gratidão que o prende à freguesia de Marinhas.

Falecimentos — Deram-se, nestes últimos dias, no lugar de Cepães, de Ana Gonçalves Regado, viúva de 82 anos; no lugar do Monte de Anibal Fernandes da Silva de 67 anos e em Rio de Moinhos o de Celestino Gonçalves de Lemos. A todas as famílias em luto apresentamos cumprimentos de pesar.

Goa — Não passaram, em surdina, na nossa terra, os ecos do esbulho de que Portugal foi vítima nessas longínquas regiões da Índia, aonde os nossos chegaram em Mis-

são Civilizadora há 5 séc. Por isso não nos acusou admiração o avultado número de homens que tomou parte na marcha de silêncio realizada em Esposende, nem a concorrência sentida aos actos de religião, que se realizaram na Igreja paroquial.

Que Deus não nos abandone. **Baptismo** — Receberam no Alfredo Manuel, filho de Manuel Patrão Capitão e Maria de Lurdes Lemos, sendo apadrinhados por Alvaro Fernandes Ribeiro e Júlia Lemos Couto; e Manuel, filho de Manuel Silva Abreu e Maria Carneiro Pilar, apadrinhados por seus tios João e Carmen Carneiro Pilar.

VILA CHA

Figuras nossas — o Pinguim — Uma das figuras vila-chanesas mais amantes da hilaridade é, sem dúvida, o nosso amigo «Pinguim». Assim conhecido por todos, com tal não se molesta. Bastará dizer, como confirmação de seu temperamento chocarreiro, que, onde estiver o «Pinguim», tudo ri. Tudo ri das respostas, perguntas, dissertações e, sobretudo, das suas anedotas, que, afinal, são quadros da própria vida.

Confio na veracidade do narrador porque não altera, por muitas vezes que conte.

Aqui se reproduz uma das tais anedotas, muito embora nos falte o talento, o jeitinho na pena, que ele tem na língua.

Tinham seus pais um touro doente. Não havia meios de equilibrar uns passos, na corte, e o mais certo era, dum instante para outro, encontrar «carne dada aos vermes»:

A esperança havia cansado no peito dos donos e fugira... Todavia, um touro... é um touro, um prejuízo!

Eis porém, que, certo dia, classificaram de ótima uma tal receita, que aconselhavam fosse ministrada ao quadrúpede. Era o remédio do desempate, sentenciavam. Ou o animal melhorava, «desempatando» aquele estado, ou morria, sinal de que, de qualquer forma, não escaparia. Neste caso, é que o «desempate» se verificava.

Estão os leitores impacientes, porque ainda não disse a fórmula da receita. Pois aí vai ela: três quartilhos de vinho branco, bom; duzentos e cinquenta gramas de açúcar refinado; meia dúzia de ovos e um quarteirão de mel. Tudo fervido e, no fim, dar-se-ia ao pobre enfermo.

O Pedro e a Pedra, assim chamavam aos pais do Pinguim (apenas faleceu o pai), aprovaram a receita. Uma noite, deitando-se, ordenaram aos dois rapazes, Justino e António («Pinguim»), a aplicação do remédio.

— ... mas com jeitinho! Meteu-lhe a garrafa no canto da boca, para não lhe prender a língua — ordenara a mãe. Cumpriram, com perfeição, a primeira fase do trabalho: o fervimento. Em seguida, Pinguim, mais traquina do que o irmão, vai tirar a prova à sua experiência culinária. Não se desempenharam mal do papel confiado, a avaliar pela apreciação do mais jovem, Pinguim:

— Isto está bom, sabes?
— Está?
— Se está!...
E deitaram-se ao «remédio», nada ficando.

No fim, notou o mais velho:
— E agora?
— Agora é fácil! — retrucou Pinguim.

— Agora lavamos o pote, deitamos na garrafa e damos ao touro.

Assim fizeram, porém, ao introduzir a garrafa na boca do animal, com medo que o «remédio» se perdesse... meteram-na bem para dentro, até à garganta, acontecendo que o touro «desempatou», sem demora, esganado.

Corre Pinguim, com cara de muita pena...

— O touro morreu agora mesmo! Ao acabar o remédio!
— Bem te dizia, homem, que ele não aguentava a receita: era muito forte — considerava a Pedra.

Entretanto, os dois filhos suavam... cada cabelo era uma pinga.

Ouvindo a mãe, Justino inquietou-se (iria ele aguentar...) e desatou a carpir:

— Ev... eu tomei... re... médio... Ouvindo-o sapunchar, a mãe inquiriu:

— Que tem o Justino, António?
— Que há-de ter? Um prejuízo deste!... Um meio boi!...
E, baixo para o irmão:
— Cala-te! Cala-te! Meu asno!

...

Ao ilustre director, corpo relatorial, assinantes e leitores deste semanário, desejamos um Novo Ano muito feliz.

— Estão a passar as férias do Natal, no seio de suas famílias, os estudantes desta freguesia. Desejamos-lhes um ótimo descanso, atim de com mais energia podem vencer um novo período escolar.

— De França, onde estavam a trabalhar, vieram passar as festas do Natal, com suas famílias, os srs. Arlindo Fernandes, Manuel Fernandes e Frankim Fernandes e de Angola, veio o sr. José Gonçalves Ferreira. Estimamos que chegassem de saúde.

— Na freguesia de Vila Cova, faleceu o pai da sr.ª D. Maria Isolina Gomes da Costa, dig.ª professora desta freguesia. O seu funeral foi muito concorrido e no qual tomaram parte também as crianças desta freguesia, alunas da Sr.ª D. Maria Isolina.

A toda a família os nossos sentimentos pêsames.

— No dia 1 do corrente, teve lugar a festa em honra do Menino Jesus, com missa cantada, sermão pelo nosso amigo Rev.º P.e Jorge, Abade de S. Vicente e procissão. Tudo decorreu muito bem, merecendo muitos parabéns a comissão formada por jovens, não só pelo brilho que deram à festa, como principalmente pelo lindo presépio que fizeram.

— Receberam o baptismo uma filhinha dos srs. António Rocas Marques e de Ana Ferreira Cruz e também um filhinho dos srs. Manuel Gomes da Silva e de Maria Barbosa da Torre. Muitas felicidades.

— Foram mortas pelos nossos amigos srs. Daniel Gonçalves Jorge e Manuel Pires Afonso, exímios caçadores, duas belas raposas, que davam cabo dos galinheiros. Muitos Parabéns.

— Fazem anos, no dia 9, o sr. Manuel Ferreira da Silva e o menino Domingos Neiva de Lemos e no dia 13, a menina Maria Lúcia Penteadó Couto. Muitos parabéns e ad multos annos. — C.

FONTE BOA

Santa Missão — Realizou-se nesta freguesia uma Missão de pregações religiosas que principiou a 26 de Novembro e terminou a 10 de Dezembro. Foram conferentes os Reverendos Missionários Rectoristas: P.e Manuel Luís Esteves e P.e António João Vaz que agradaram imenso a toda a freguesia.

A igreja encontrava-se repleta de fiéis, em todas as pregações, o que revela a piedade deste povo e a competência dos Missionários. Apesar de a nossa igreja ser das mais espaçosas deste concelho, mais uma vez se fez sentir que era insuficiente para conter todos os bons católicos desta piedosa terra. Não obstante as crianças ocuparem completamente todos os degraus e supedâneo do altar-mor, mesmo assim, algumas pessoas viram-se na necessidade de se acumularem, com grande sacrifício, junto às portas da entrada.

Verificou-se mais uma vez que é de necessidade aumentar a nossa igreja. Esta necessidade já há tempos mereceu a atenção do bom povo desta terra, chegando até a tirar-se um lindo projecto da obra a realizar, em que ficaria a Igreja em forma de cruz latina, e até já se adquiriram para isso dois lindos e ricos altares, mas devido a outras obras mais urgentes ti-

vemos que aguardar mais algum tempo. Esperamos que agora essa obra se transforme dentro em breve em realidade, pois, já não deve restar dúvidas a ninguém de que a actual igreja não pode comportar todos os habitantes desta piedosa freguesia. Mas deixemos este parêntesis e voltemos novamente ao assunto da Santa Missão.

Durante esses dias foram abordadas e meditadas as principais verdades da nossa fé, para alguns, talvez, descoradas ou esquecidas. Houve quatro dias de confissões em que numerosos confessores atenderam todos os fiéis que devotos e contritos buscavam a paz para a sua alma. Durante esses quinze dias foram distribuídas aproximadamente sete mil comunhões. Isto mostra, alguma coisa do bom êxito alcançado. Sentimo-nos satisfeitos e imensamente agradecidos ao Senhor, por esta grande graça que nos concedeu. Foi entre lágrimas de saudade que vimos partir aqueles enviados de Deus que divinamente inspirados souberam falar aos nossos corações e derramar neles o bálsamo da contrição e do perdão. Cá ficou na nossa igreja como recordação desses dias tão santamente passados, uma linda cruz adornada com vários símbolos da Eucaristia e da paixão de Jesus, e um quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Padroeira da Missão. No cimo da monumental Torre da freguesia foi levantada uma cruz com sete metros de alto e três de largo, iluminada com cinquenta lâmpadas de vinte e cinco velas cada uma. Esta cruz que ardia todas as noites e iluminava quase toda a freguesia, era vista ao longe, em muitas freguesias distantes, não só deste concelho, mas também do concelho de Barcelos e da Póvoa de Varzim.

A colocação desta grande cruz no alto do campanário deve-se à generosidade do povo desta terra e à ousadia do Sr. António da Silva Levandeiras, homem destemido, habilidoso e cheio de boa vontade de bem servir. Bem hajam, todos aqueles que souberam contribuir para o bom êxito de tão Santa Missão.

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verde

COMUNICADO

À circulação de conjecturas acerca de um eminente licenciamento por parte desta Comissão de Viticultura, de entrada de vinhos maduros para abastecimento da Região Demarcada, se vem atribuindo, e não sem fundamento, um certo retraimento nas compras de vinho verde, e consequentes dificuldades no escoamento da produção.

A Comissão de Viticultura reputa útil esclarecer que, não obstante ter sido anormalmente baixa a colheita, a situação actual do mercado regional não é de molde a impôr um imediato, ou mesmo próximo, recurso a vinhos estranhos para abastecimento público.

A Comissão de Viticultura mantém-se atenta à evolução do mercado de vinhos verdes, mas somente no caso de o seu condicionalismo o justificar, e na devida oportunidade encarará as providências necessárias para um eventual abastecimento público por vinhos maduros.

Porto, 21 de Dezembro de 1961.

A Comissão Executiva

S.  R.

Câmara Municipal do Concelho de Esposende

RECENSEAMENTO ELEITORAL

EDITAL

Joaquim Correia de Macedo, Chefe de Secretaria da Câmara Municipal de Esposende

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do artigo 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1962, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos arts. 1.º e 2.º da citada lei:

São eleitores e, como tal recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- Curso geral dos liceus;
- Curso do magistério primário;
- Curso das escolas de Belas-Artes;
- Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º e 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diploma de exame público feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e da assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia.

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o artigo 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública forma respectiva, perante a comissão de freguesia, ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no artigo 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no recenseamento ao presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 23 de Dezembro de 1961.

O CHEFE DE SECRETARIA,

Joaquim Correia de Macedo

MENSAGEM DE ANO NOVO

(Continuação da página 1)

sado súbitamente, agora, sem força, sem conveniência e sem qualquer belicismo, de perturbar a paz.

Ora o que se passou no ano de 1961, foi precisamente o contrário: perturbaram a paz de Portugal, que vivia pacificamente a sua vida, sem se intrometer nos negócios alheios. Provocaram assim milhares de mortos em Angola, de que são responsáveis, e possibilitaram a agressão à Índia Portuguesa, em que o sangue lusitano correu também fartamente, em defesa daquela parcela tão querida do sagrado solo da Pátria. E porque desceram todas estas desgraças sobre Portugal?

— Porque grande parte do Ocidente se deixou contagiar por ideias erradas ou prematuras, sem atentar que está a fazer o jogo do inimigo em vez de se opor aos seus desígnios, esquecendo que o inimigo é hábil e procura subtilmente insinuar aquilo que mais lhe convém e crê não poder ser contestado. O pacifismo e a autodeterminação são capas que escondem intentos bem diferentes, mas os poucos que não são cegos e sabem que só a verdade é eterna, percebem que a mentira se não pode manter indefinidamente e que tais capas acabam sempre por deixar de ver o que se pretende encobrir.

— Porque a justiça e a rectidão deviam ser as constantes a regular a vida dos homens, e sobretudo a acção dos governantes; e pelo contrário, o mundo de hoje, salvo raras excepções, mostra talvez mais do que nunca que a rectidão e a justiça têm o sentido que cada momento lhe atribui, consoante as conveniências próprias.

— Porque as Nações Unidas raramente se mostraram independentes ao longo da sua curta mas agitada vida e se tornaram ultimamente quase inexistentes e até prejudiciais, chegando a um parcialismo evidente nos casos de Angola e do Katanga e à inoperância total, na sua primordial missão, no caso de Goa. E essa inoperância, o que é mais grave, verifica-se normalmente apenas num sentido, tal como sucedeu agora, também, à secular aliança luso-britânica.

«OS GOESES NÃO DESEJAVAM A AUTONOMIA ABSOLUTA E MUITO MENOS A INTEGRAÇÃO NA UNIÃO INDIANA»

— Porque havia um código que regulava as relações entre os povos, chamado direito internacional, que caiu em desuso. Embora nem sempre rigorosamente respeitado, constituía dentro de largos limites, o escudo que protegia os fracos dos mais fortes, daqueles que como suprema razão recorrem à força bruta do seu poderio.

— Porque se em todas as épocas

e em todos os povos existiram ambiciosos e traidores, eles só valem o que valerem as forças estranhas que deles se servem para servirem.

— Porque sendo presentemente a informação uma poderosa força, capaz de bem esclarecer a consciência da humanidade, há o risco dela ser usada num sentido contrário à verdade, à justiça e à razão, por estar sujeita às paixões e aos erros que podem afectar os homens que a comandam.

Foi tudo isto, que o Governo está ponderando, a origem dos massacres no norte de Angola e agora a invasão da Índia Portuguesa.

E se em relação a esta, houve ainda quem a deplorasse só em palavras, de resto, o certo é não ter isso obstado à acção bélica da União Indiana, fruto dum desmedido orgulho ferido e de uma surda inveja pelo que vive com maior bem-estar. Fora o argumento geográfico, que por si nunca foi bastante, nenhum outro podia ser seriamente invocado, como os factos estão evidenciando claramente. Os goeses, em todos os sentidos mais civilizados que os indianos, não desejavam a autonomia absoluta e muito menos a integração na União Indiana, em que aliás só tinha desvantagens. Daí a invasão do nosso território com efectivos e meios tão poderosos, ridiculamente poderosos até, para com eles poderem esmagar rapidamente a resistência dos nossos valentes soldados e marinheiros e da população goesa, que mostrou bem ser portuguesa e não indiana.

Só a clamorosa razão que nos assiste pode justificar, neste primeiro dia do ano de 1962, as verdades que o Chefe do Estado entendeu não dever calar, na primeira vez que se dirige à Nação após o atentado de que ela foi vítima.

Mas não quero terminar sem uma palavra de esperança e de fé no futuro da nossa terra. Saber esperar foi sempre uma grande virtude dos portugueses e já noutras épocas da nossa História conseguiu-se reaver, algumas dezenas de anos depois, territórios que legitimamente nos pertenciam e de que tínhamos sido esbulhados. É também de crêr que o Ocidente desperte, finalmente, da letargia em que tem vivido, apercebendo-se de que pode estar caminhando rapidamente para a pior de todas as escravidões.

É meu dever, neste dia, ambicionar para todos os portugueses um ano que não aumente as suas dores e antes as possa ir mitigando.

Por mais amargurada que a alma se sinta, nunca deve descreer do poder de Deus. E nele deposito as minhas maiores esperanças, de melhores dias para Portugal.

De Ano a Ano

1961

RESUMO DOS MAIS NOTÁVEIS ACONTECIMENTOS

NO PAÍS

Em Janeiro é assaltado o paquete «Santa Maria», acto de pirataria que provocou profunda emoção em todo o mundo. Chefe do bando: Galvão!

— Em Fevereiro registaram-se em Angola os primeiros assaltos que tiveram como palco a cidade de Luanda, onde grupos armados assaltaram a Cadeia, a Reclusão Militar e o quartel da Polícia de Segurança. Caíram as primeiras vítimas, na defesa da ordem.

— Neste mês ainda, foi assinado o contrato para a construção da ponte sobre o Tejo.

— Em Março começou a O. N. U. a meter o nariz onde não foi chamada. O caso de Angola é o ponto de partida.

— Em 17 deste mês bandos de terroristas vindos do exterior, assaltaram o Norte de Angola, onde além das destruições chacinaram com requintes da maior barbaridade centenas de portugueses de todas as raças e de todas as idades.

— Em Abril e como consequência dos graves acontecimentos de Angola, o Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, toma a seu cargo a pasta da Defesa Nacional, a par de outras remodelações no Governo. Partem para Angola as primeiras tropas portuguesas.

— A remodelação do Governo completa-se nos princípios de Maio, tendo o Dr. José Gonçalo Correia de Oliveira sido nomeado Ministro de Estado Adjunto à Presidência do Conselho.

— Neste mês e seguintes Portugal continua a ser alvo de ataques na O. N. U. mas os nossos representantes rebatem enérgicamente toda a teia de mentiras. Em Angola as nossas tropas desenvolvem enérgica acção de represália aos terroristas.

— Em 9 de Julho o navio português «Save» naufragou nas costas de Moçambique causando cerca de 260 mortos.

— Neste mesmo mês foi atacada mas sem resultado, a nossa província da Guiné. Como consequência desse ataque malogrado, o Senegal corta relações diplomáticas com Portugal e intima os portugueses a abandonar o Forte de S. João Baptista de Ajudá.

— No dia 1 de Agosto, o histórico e simbólico Forte é abandonado e incendiado pelos portugueses.

— O exército português em Angola atinge Nambuanguo, vibrando assim profundo golpe na organização terrorista.

— No Porto é inaugurado o novo Palácio da Justiça e completa-se o tramo central do cimbre da Ponte da Arrábida, importante obra de engenharia.

— O Governo Indiano, integra Dadrá e Nagar-Aveli na União Indiana, calcando aos pés a decisão do Tribunal Internacional, apesar dos protestos do Governo Português. Era o começo...

— O Sr. Presidente da República inaugurou a auto-estrada Lisboa-Vila Franca de Xira e no Seixal foi inaugurada a Siderurgia Nacional, notável empreendimento industrial.

— Ainda dentro das grandes realizações industriais é inaugurada a barragem do Douro e as instalações fabris dos Nitratos de Portugal.

— Em Outubro termina a grande ofensiva do Exército Português em Angola, contra os terroristas. Atinge-se a Pedra Verde. A paz volta em recuperação lenta mas segura.

— Em Novembro realizaram-se as eleições para Deputados, que decorreram com a melhor ordem e civismo, tendo a oposição desistido de ir às urnas.

— Em Angola e num desastre de aviação que causou 18 vítimas, morreram, além do comandante militar de Angola, outros oficiais superiores do nosso exército.

— Ainda neste mês o Sr. Presidente da República realizou a sua triunfal viagem a Espanha.

— Em princípios de Dezembro a União Indiana reforça com tropas

as fronteiras com a Índia Portuguesa. Portugal previne o mundo e a O. N. U. das ameaças indianas. E em 18 desse mês, cerca de 30 mil homens do exército indiano invadem os nossos territórios de Goa, Damão e Dio. Os portugueses oferecem enérgica resistência, mas são vencidos, tendo sofrido mais de mil baixas, entre mortos e desaparecidos. O Mundo inteiro condena a acção, mas na O. N. U. o veto Russo tudo abafa. E Goa, Damão e Dio caem na mão dos indianos. Até quando?...

Assim se passou o ano de 1961, que teve como signo a defesa da Pátria, atacada pelos inimigos da Civilização ocidental, e a par dela, o Progresso do País, em pleno desenvolvimento industrial.

E quando nós recolhidos formulávamos votos de Paz e Progresso, surge o ano de 1962.

...E com ele, nas primeiras horas, a Revolta Militar de Beja, feita por uns tantos tresloucados.

De novo sangue inocente

sangra a terra portuguesa na pessoa do Subsecretário do Exército — Tenente-Coronel Jaime Filipe da Fonseca, quando acorria em plena madrugada, a defender a paz entre os Portugueses, pagando com a vida a sua abnegação Patriótica, mantendo firme as honrosas tradições do nosso Exército.

Renovamos assim mesmo os nossos ardentes votos de Paz para este ano de 1962. E a par deles, é preciso que todos os portugueses se unam firmemente à volta da sua Bandeira. A única política no momento presente só tem um objectivo: a defesa da Pátria. E seja quem for que perturbe a ordem interna, só poderá ter o apelido de TRAIADOR! A Paz entre nós é garantia de FORÇA e UNIÃO contra os nossos inimigos. E eles não dormem, não desistem, não se calam!

Portugueses: só de mãos dadas e cabeça erguida poderemos continuar a enfrentar firmemente os inimigos covardes e os amigos indiferentes. Vivendo unidos no Presente, salvaguardamos a união do Futuro!

DEPOIS DE
NATAL FELIZ
COM

GAZCIDLA

As Representações CICOR

*Deseja a todos os seus
Ex.ºs Clientes e amigos
um Ano Novo Feliz*

Plano de Actividade Turística

(Continuação da página 1)

podem fazer os dois ao mesmo tempo, terá de se dar prioridade ao de Esposende pelas razões apontadas. Tendo surgido dificuldades quanto a conseguir-se a cedência do antigo posto fiscal junto dos socorros a naufragos para a guarda de motores e apetrechos náuticos com vista a facilitar-se a prática dos magníficos, saudáveis e variados desportos náuticos e prevendo-se a aquisição pela Comissão Municipal de alguns barcos a motor com a participação do Estado (o que só agora pode ser pedido com possibilidades de êxito) há que dar-se orientação diferente ao problema, fazendo subir ao plano ministerial esta nossa simples pretensão. As praias de Suave-Mar, Fão-Ofir e Apúlia precisam de alguns melhoramentos que na oportunidade mais aconselhável serão estudados pela Comissão Municipal de Turismo que fornecerá os elementos de apreciação necessários à ulterior decisão da Câmara.

Continuar-se-á com a preocupação de conservar e melhorar até se possível, os nossos jardins, de forma a tornar cada vez mais atraente a nossa bela terra.

Pedir-se-á ao Estado a participação que permita a construção, nas proximidades do Hotel Suave-Mar, de um balneário devidamente apetrechado para as modernas práticas de talassoterapia de resultados surpreendentes em alguns países da Europa ocidental, nomeadamente em França. Neste campo pouco mais faremos que ressurgir a velha «Casa de Banhos». Terão de realizar-se as primeiras obras de conservação normal do Hotel Suave-Mar, pinturas exteriores, retoques, etc., para o que será pedida também a ajuda do Estado. Finalmente a piscina do mesmo Hotel terá de ser ligeiramente remodelada para se poder receber a participação do Estado em falta.

Não podemos, infelizmente, ser mais ambiciosos com as pequenas possibilidades financeiras dos nossos serviços de turismo. Mas se conseguirmos realizar o programa esboçado, já daremos muitas graças a Deus.

Esposende, 17 de Outubro de 1961.

O Presidente da Câmara,
António José da Costa Leme

“Nélia”

apresentando o seu afamado

BOLO-REI

DESEJA A TODOS OS SEUS
CLIENTES E AMIGOS UM
FELIZ ANO NOVO

Tel. 89319 • ESPOSENDE

UMA CARTA

A lição de Salazar

(Continuação da página 1)

Em Dia de Reis

(Continuação da página 1)

DEPOIS de lermos e meditarmos sobre a carta que abaixo transcrevemos, dirigida ao nosso Director, não resistimos à tentação de a publicar. Que o sr. Avelino Pires Carneiro nos perdoe a inconfidência, mas hoje, mais do que nunca, a Pátria e o nosso concelho, gostam de saber, que lá, longe, em terras do Brasil, esta modesta terra, implantada à beira mar, no Portugal eterno, vive permanentemente no coração dos portugueses. E a carta que publicamos, se o demonstra, traduz, em hora de grande oportunidade, uma preciosa lição a todos os Esposendenses, como que a dizer-lhes que é pelo Bem, pela Caridade, que os homens se distinguem, e isso só é possível se amando a terra que lhes serviu de berço, amando a Pátria que os antepassados lhes confiaram, têm como guia e base de toda a sua vida, o facho luminoso da Doutrina Cristã, que aos homens manda «amarem-se uns aos outros como Ele os ama».

Preciosa e oportuna lição, sr. Avelino Pires Carneiro. O Esposendense, agradecendo-a, faz votos também por que o Novo Ano traga a V. Ex.^a e a todos os Esposendenses que labutam em terras longínquas, as maiores venturas e prosperidades.

E V. Ex.^a como Fangueteiro ilustre, bem o merece como Esposendense, pois tem dado à sua terra e ao seu concelho, muito da prosperidade que Deus lhe concede, muito do seu coração.

Transcrevemos agora para os nossos leitores a citada carta:

«Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1961

Il.^{mo} e Rev.^{mo} Padre José Pires Afonso — Director de o Jornal «O ESPOSENDENSE»

Esposende

Respeitosas saudações

Na qualidade de filho do Concelho de Esposende, embora tão longe da nossa querida Pátria, tenho sempre voltado o meu olhar para tudo que possa engrandecer o meu sempre lembrado Concelho: foi com a mais satisfatória alegria que tive conhecimento do ressurgimento do tão apreciado semanário «O ESPOSENDENSE», que vem de reavivar uma época brilhante na vida da imprensa do nosso país e muito especialmente do nosso concelho, que tem à sua frente mais um jornal para o seu progresso e desenvolvimento.

Quero também manifestar a minha gratidão por ter sido distinguido logo no seu primeiro número, com a publicação da minha fotografia ilustrando o brilhante artigo intitulado: «Um fangueteiro ilustre», em que, por meio de honrosas, se bem que imerecidas palavras, evidencia V. Ev.^a a minha qualidade de filho de Fão, que muito ama e extremece a terra do seu nascimento, da qual jamais se esquecerá sem quaisquer vicissitudes da vida, como tem demonstrado por meio dos gestos revestidos de grande

sinceridade enumerados em o seu brilhante artigo.

Creia-me Sr. Director, que, assim procedendo, não faço mais do que cumprir um dever de gradidão para com a minha Pátria portuguesa e de reconhecimento para com a terra que me viu nascer. O meu querido Fão vive e viverá eternamente no meu coração reconhecido e jamais o olvidarei, porque ele é e será sempre a terra idolatrada daqueles que me deram o ser e nela dormem o seu eterno sono de paz, como suas almas de bondade repolsam no seio do Senhor.

Vivendo, embora desde moço nesta terra do Brasil, irmã e tão querida terra que também muito estimo, e à qual sou muito grato, não olvido, entretanto, a minha qualidade de filho de Além Mar, por isso, é sempre com alegria no coração, que revejo os que me são estremecidos, que habitam a terra natal, e, sendo-me oportuno, não vacilo em homenagear seus elementos de valor, como vem de acontecer ao ilustre Sr. Presidente da Câmara, tão digno e merecedor da estima, apreço e admiração de todos os filhos do Concelho de Esposende, que tanto Portugal trouxe à minha alma.

E se as circunstâncias me permitem, não deixo de, na medida de minhas possibilidades, ajudar aos pobres e às instituições caridosas de minha terra, porque assim procedendo estarei patrioticamente, humanamente, resgatando sagrada dívida que tenho com a minha terra, de me ter sido o berço querido, onde na minha infância tive os primeiros carinhosos afagos da Santa Mãe que tanto idolatrei.

Aproximando-se a data tão gratamente assinalada pelo nascimento do Divino Menino Jesus, enviado por Deus para o cumprimento da divina missão de transformar o mundo, cristianizando-o pela evangelização da humanidade, tornando-a Crente na divindade do Senhor e possuído de fé na sua sagrada doutrina; daquele que teve por missão transformar o coração dos homens, nele plantando a mais bela flor de sua pregação, que foi a prática do Bem — sintetizada na Caridade, a sua filha predilecta — quero expressar ao estimado Sr. Director, meus sinceros Votos de Feliz Natal, e que o doce Menino Jesus, abençoe tanto a V. S. com a sua edificante obra, e favoreça com a mesma divina graça, a todos que compõem a redacção, administração e oficinas de «O ESPOSENDENSE», e que essa graça de Deus, sintetizada em saúde, bem estar, gratas venturas e felicidades, se prolongue por todo o Novo Ano de 1962, que há-de ser por todos melhor do que o actual e cheio de gratíssimas satisfa-

ções, votos estes extensivos à sua Ex.^{ma} e digna Família. Com grande, sincero apreço e gratidão, do patricio e amigo que o tem aqui, na pessoa de,

Avelino Pires Carneiro

E se a alegre révoa dos Anjos cantou e bailou à volta das labaredas aurifulgentes, que aqueciam o ambiente do desmantelado aprisco — são agora as Almas, que disfrutam a Graça de Deus, que vem de revoadas, a matar saudades dos que lhes são queridos, e gozar o agradável calor do lume sagrado, que, pela noite velha — arde em seu alor! É o Lume das Almas!

— Alminhas santas! — reza a velhinha, agora só, no canto da preguiçeira — Vinde friinhas das Alturas de Deus! Quentai-vos: está tanta neve a cair! Quentai-vos ao lume do Senhor, e fazei-me companhia. Pela sua enfraquecida memória passam as imagens dos seus queridos defuntinhos e reza pelo seu eterno descanso. Vem à recordação as loas, que os velhos sabiam:

Alminhas benditas chegai-vos,
Ao lume santo do lar,
Rogai a Deus que nos guarde,
A vossa beira o lugar.

Que alto sentido de ternura pela perdurabilidade da família! — deduz o afamado contista, e com razão. O sentimento, a tradição da família sobressai e revive-se intensamente nesta quadra natalícia.

Mas era da adoração dos Magos — que hoje recordamos — que queríamos ocupar-nos.

É S. Mateus, apenas, que fala deste notável acontecimento, ocorrido nos primei-

ros dias da existência do Menino de Belém. No tempo do rei Herodes, diz o evangelista, chegaram do Oriente uns Magos a Jerusalém, dizendo: «Onde está o rei dos Judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo. Ao ouvir isto, Herodes ficou perturbado e toda a Jerusalém com ele. Consultados os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo, perguntando-lhes Herodes onde deveria nascer o Messias, eles responderam: «Em Belém de Judá, pois assim está escrito pelo profeta».

«E tu, Belém, terra de Judá, de nenhum modo és a mais pequena entre os príncipes de Judá porque de ti sairá um Chefe que apascentará o meu povo Israel». (Miq. 5, 2).

Informados por Herodes, os Magos partiram para Belém, com a cínica recomendação de que, na volta, viessem trazer-lhe informações do que vissem.

Os Magos, postos a caminho, tiveram a enorme consolidação de verem reaparecer a estrela, que os conduziu à gruta de Belém. Entrando, viram o Menino com Maria, sua Mãe, e prostrando-se adoraram-no oferecendo-lhe presentes. Avisados, em sonho, de que não voltassem por Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.

Muitas considerações poderiam fazer-se sobre este passo evangélico da infância de Jesus, mas, como este já vai longe, limitemos a nossa atenção à prontidão e fidelidade com que aqueles sábios do Oriente corresponderam ao aviso que lhes foi feito, não se detendo com os obstáculos que lhes oferecia uma viagem para o desconhecido... Apesar de tudo partiram, não desanimando com os contratemplos, e perseveraram na resolução inicial, só se dando por satisfeitos, quando chegaram ao fim. Deus que os chamou, por meio da estrela milagrosa, não deixou de generosamente os recompensar pela docilidade com que seguiram o divino apelo; e, embora provados com a ocultação temporária da mágica estrela, Ele não deixou de os conduzir ao destino a que os chamara: ver o Deus Menino, o Salvador do mundo. Oxalá que todos os homens de hoje imitassem a docilidade dos Magos e fôssem, também, adorar a Jesus: Jesus de Belém, Jesus das bemaventuras, Jesus do Calvário, enfim, o Salvador, o verdadeiro e único Salvador... deste mundo em ruínas.

FOTO BAZAR

O. R. Magalhães

Rua Barão de Espo-
sende

ESPOSENDE

◆

Filial em

VIANA DO CASTELO

R. Gago Coutinho,
70-72

Tudo para fotografia

Agente da KODAK —
GEVAERT — SELO

Secção de PAPELARIA
com preço de reclamo
e descontos aos estu-
dantes

●

Deseja a todos os
seus clientes e amigos
um Ano Novo cheio
de Felicidades.

●

ções, votos estes extensivos à sua Ex.^{ma} e digna Família.

Com grande, sincero apreço e gratidão, do patricio e amigo que o tem aqui, na pessoa de,

«Se quer o progresso de Esposende, leia, assine, propague e anuncie no «ESPOSENDENSE»»